

A SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA FREUDIANA

THE SEXUALITY IN FREUDIAN PERSPECTIVE

*Fábio Brandão Silva*¹

*Edimar Brígido*²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo central analisar o tema da sexualidade a partir da perspectiva da psicanálise criada e desenvolvida pelo médico neurologista Sigmund Freud. Trata-se de uma apresentação dos fundamentos teóricos da psicanálise, que tem como foco a abordagem das pulsões sexuais e dos mecanismos de bloqueio destas pulsões detectados por Freud. Nosso desejo consiste em promover o diálogo em torno dessa área do conhecimento humano que se revela extremamente importante e que tanto influi na vida prática das pessoas. Freud abriu caminho para um fecundo e evolutivo campo de pesquisa, pois a sexualidade vai muito além do que se pode compreender cotidianamente, não sendo possível reduzi-la apenas ao elemento biológico ou ao ato sexual em si. Deste modo, faz-se necessário uma busca mais rigorosa para compreender e interpretar de forma adequada e científica o que realmente seja a sexualidade, pois através desta compreensão se tornará possível resolver muitos dos conflitos e transtornos que cercam a vida do homem contemporâneo.

Palavras-Chave: Sexualidade. Psicanálise. Pulsões. Afetividade.

Abstract: This article aims to expose the theme of sexuality from the perspective of psychoanalysis created and developed by neurologist Sigmund Freud. This is a presentation of the theoretical foundations of psychoanalysis, which focuses on addressing the sexual drives and locking mechanisms of these drives detected by Freud. Our desire is to bring lights illuminating the analysis of this area of human knowledge so important, that the author has given way to an ever open, evolutionary search Field, because the field of sexuality goes far beyond what we can know, it is not only the sexual act itself, but goes beyond our comprehension. It required a more rigorous search to understand and interpret a concrete and scientific way what really is sexuality, because through this understanding, we can solve many conflicts and disorders around us throughout our existence

Keywords: Sexuality. Psychoanalysis. Drives. Affectivity.

1. Introdução

Amplamente complexo e envolto por acentuadas controvérsias, o tema da sexualidade ainda é muito difícil de ser debatido, mesmo na sociedade atual, onde se tenta enxergar o assunto numa ótica de liberdade e extrema abertura. Ao longo da história ocidental, o tema da sexualidade foi alvo de distorções e repressões, gerando inúmeros *tabus*, e sendo muitas vezes reduzido a esfera da genitalidade ou como mero

¹ Acadêmico do curso de bacharelado em filosofia da Faculdade Vicentina (FAVI).

² Doutorando em Filosofia pela PUCPR e professor de Filosofia no Centro Universitário Curitiba, UNICURITIBA. E-mail: Edimarbrigido@hotmail.com

mecanismo natural de procriação. Neste contexto, pode-se apontar para a radical, e as vezes severa, posição que as religiões, de modo mais específico o cristianismo, assumiram com relação à sexualidade e a tudo aquilo que a envolve, atribuindo-lhe o *status* de pecado.

Atualmente, a conceituação de sexualidade está ligada a diversas áreas do conhecimento científico, tais como a antropologia, a sociologia, a biologia, a medicina e a psicanálise. Neste sentido, essa problemática se desenvolve de maneira plural, de acordo com o pensamento elaborado por cada uma dessas ciências, não sendo possível identificar um único modo de tratamento para o assunto. Na esfera filosófica, tradicionalmente, a sexualidade nunca fora tema primordial de investigação por parte dos filósofos. Entretanto, essa realidade começa a mudar a partir do século XX, como veremos mais a diante.

Nesse sentido, o presente artigo pretende expor, a partir de uma contextualização histórica, a temática da sexualidade do ponto de vista da escola psicanalítica da qual Sigmund Schlomo Freud (1856-1939) é o precursor e fundador. A conceituação freudiana está baseada na influência que a sexualidade exerce sobre o psiquismo, com o objetivo de identificar de maneira mais clara os limites e níveis de tal percepção.

Genericamente, a sexualidade, assim como o sexo, são vistos unicamente sob uma ótica da genitalidade, equiparando-os um ao outro. Com Freud, surge um significado muito mais amplo que diferencia os dois termos, colocando a sexualidade num patamar que vai muito além do ato sexual restrito. Nasce então um novo termo para designar esta análise da sexualidade relacionada à psique: psicosexualidade. Para situar a sexualidade além do aspecto reprodutivo, Freud verifica que desde a infância ela já se encontra presente e atuante na vida do ser humano, podendo inclusive ser detectada a presença dos impulsos sexuais nos recém-nascidos.

O conceito psicanalítico de sexualidade proposto por Freud, traz uma identidade específica e diferente de tudo aquilo que até então já se havia falado sobre o tema. Freud elabora seu conceito, no qual a sexualidade aparece como força, ou seja: sexo é energia. Essa energia vital está ligada precisamente aos instintos, que por sua vez possuem um papel importante na estrutura orgânica dos seres humanos, atuando tanto no meio interno como no externo da vida do homem.

Nessa mesma perspectiva, Freud identifica variações quantitativas nessa energia vital instintiva, apontando que ela está vinculada diretamente não só a um processo de

*homeostase*³, mas também as fases do desenvolvimento da libido, ao erotismo, e a própria genitalidade no que se refere às relações sexuais e a reprodução, como também as mais variadas experiências decorrentes das relações sociais. Com essa descoberta, Freud sugere que o princípio do prazer é o mecanismo regulador dos eventos psíquicos, onde tais eventos buscam em seu processo de desenvolvimento, atingir o ápice do prazer. Para a psicanálise freudiana, esse processo acontece desde a infância, onde os instintos sexuais ainda encontram-se fragmentados, até a idade adulta onde o desenvolvimento sexual se completa. A busca pelo prazer impulsionada pelos instintos e que têm no ato sexual sua culminância, é algo natural no desenvolvimento da pessoa humana, e que possui seus próprios caminhos para ser atingida, de acordo com Freud.

2. Antecedentes históricos: da Idade Média ao Renascimento

A partir da Idade Média, com a forte influência por parte da Igreja Católica Romana na regulamentação das condutas morais, incluindo a vida conjugal como um todo, ocorreu a utilização de meios persuasivos, como medo, a culpa, a ideia de inferno, o castigo, para legitimar o seu controle sobre a sexualidade. Instaura-se nesse período a problemática da carne, o sacramento da confissão, segundo as considerações do filósofo Michel Foucault, (2001) passava a controlar as palavras, os pensamentos e até mesmo os desejos carnis. Havia, nesse caso, uma interdição ao sexo por parte do clero. A carne passa a ser a origem de todos os pecados e o desejo um mal que atinge todos os homens, e que, conseqüentemente, precisava ser devidamente controlado.

A concepção repressiva da sexualidade, imposta pela Igreja, estreitou-se pela expressa vigilância sobre os atos que marcaram fortemente a vivência da sexualidade nesse período da história. A valorização do casamento, da fidelidade conjugal e da castidade foi sobremaneira acentuada, em detrimento às demais formas de relação com a sexualidade, como a masturbação e a atividade sexual fora do casamento.

A visão de sexualidade abriu-se um pouco mais com o advento do renascimento, onde o apelo da valorização do corpo tornou-se evidente nas manifestações sociais e,

³ Termo científico que designa a capacidade do organismo de apresentar uma situação físico-química característica e constante, dentro de determinados limites, mesmo diante de alterações impostas pelo meio ambiente. Para conservar constante as condições da vida, o organismo mobiliza os mais diversos sistemas, como o sistema nervoso central, o endócrino, o excretor, o circulatório, o respiratório, etc. (Fonte: DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA PSICOLOGIA. Tradução e notas de Hélder Viçoso. Lisboa: Texto e Grafia, 2008, p. 202).

sobretudo, no âmbito artístico cultural. Porém, a vigilância excessiva sobre o trato da sexualidade, herdada do período histórico anterior, ainda exercia forte influência, de modo especial, na constituição do núcleo familiar. As condenações às práticas do concubinato, poligamia e prostituição, eram cada vez mais severas e “exemplares”. As condutas relacionadas a higiene pessoal e íntima, também determinaram mudanças nos hábitos sexuais da época; o fechamento de casas de banho públicas, consideradas pelas autoridades civis e eclesiásticas como pontos de prostituição e de corrupção moral, levou ao surgimento de ambientes clandestinos, onde a prática da prostituição e da libertinagem ocorriam de forma deliberada. No conflito entre repressão e liberdade, a sexualidade da época moderna ainda vivia sobre os aspectos ditados pelas regras morais e religiosas estabelecidas pela autoridade da Igreja.

Dessa maneira, a burguesia assume um corpo e uma sexualidade próprios, afirmando sua diferença e sua hegemonia a partir de meados do século XVIII e início do século XIX. Nesta época se percebe uma intensa repressão e ao mesmo tempo, uma grande obstinação em fazer e falar sobre sexo. É nesse cenário que Foucault identifica uma mudança de comportamento e uma crescente discussão sobre a sexualidade: “Constitui-se [nesse momento] uma aparelhagem para reproduzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, suscetíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia” (FOUCAULT, 2001, p. 26).

2.1 A pós-modernidade e o surgimento da psicanálise

O termo sexualidade é muito recente, surgiu no século XIX, fruto do desenvolvimento científico e da quebra de paradigmas onde se apoiavam normas e regras religiosas, pedagógicas, morais e médicas, num período histórico marcado pela redescoberta do interesse pela sexualidade humana. Cabe destacar que nas áreas da Biologia e da Medicina, os avanços com relação à sexualidade foram extremamente notórias e importantes, desde a ruptura com determinado idealismo que sempre obscureceram o tema, até a classificação de padrões de análise que vão além dos diagnósticos patológicos, ou seja, o sexo passa a ser uma temática normatizada e disciplinada por áreas específicas do conhecimento científico, num esforço de afastar a sexualidade de concepções ligadas estritamente à moral e à religiosidade, conferindo-lhe um novo caráter que pode ser tomado como objeto de estudo pelo próprio corpo social.

Nesse processo histórico-evolutivo do conceito de sexualidade, no final do século XIX e início do século XX, ocorre a ruptura com os conceitos ligados ao biologismo vigente até então e visto como concepções naturalistas do sexo. Tal ruptura acontece de forma polêmica, tendo como protagonista o médico austríaco Sigmund Freud. Freud escandaliza a sociedade de sua época, ao afirmar a existência de sexualidade na infância com objetos e finalidades específicas, retirando a sexualidade do campo restrito da vida adulta com fins voltados exclusivamente à genitalidade.

As patologias referentes à sexualidade, antes relacionadas unicamente a fatores biológicos, passam a ser associadas a fatores psíquicos, elevando o sexo a um patamar acima do corpo biológico e da procriação. Sua ênfase está nos fenômenos subjetivos e na experiência do prazer relacionados à sexualidade humana: abre-se aí um vasto campo de discussão e de investigação científica, tanto para psicanalistas quanto para filósofos, médicos, antropólogos e outros estudiosos da complexidade da vida humana.

Nesse contexto desafiador, nasce a psicosexualidade⁴, que não limita a sexualidade unicamente ao âmbito biológico, mas faz sua associação com experiências psíquicas do inconsciente humano, revelando uma nova lógica do inconsciente:

O corpo psicanalítico é um corpo fantasmático e não um corpo anátomo-fisiológico. Mesmo quando Freud articula a sexualidade às necessidades básicas do indivíduo, quando apoia a pulsão no instinto, não é para a semelhança entre ambos que está apontando, mas sim para as suas diferenças. [...] É para o fantasma que se dirige o desejo e não para o real; é ao nível da representação que se passa a psicanálise. (GARCIA-ROZA, 2003, p. 102)

Dentro desse contexto psicanalítico, a centralidade da pesquisa de Freud está justamente na repressão histórica que a civilização, de forma muito particular a ocidental, impôs à sexualidade, ao canalizar sua energia vital instintiva para outras atividades da vida social dos indivíduos, como as práticas artísticas e culturais, o que o autor representa por meio do termo *sublimação*: “[...] a sublimação dos instintos constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; e é ela que torna possível as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas e ideológicas.” (FREUD, 1986, p. 118). Sendo assim, para Freud, a estrutura do inconsciente está fundada na repressão da sexualidade, mantendo-a fora da consciência.

⁴ Teoria freudiana onde destaca-se a notável influência na conduta das experiências vividas na infância motivações inconscientes. Ao início da vida reprimem-se muitas lembranças de experiências traumáticas, são expulsos da consciência para a parte inconsciente, que a sua vez, influem na conduta (FULGENCIO, L. O método especulativo em Freud. São Paulo: EDUC, 2008. p. 58).

Com a ruptura dos conceitos naturalista do século XIX, a psicanálise instala-se no século XX, ampliando a abordagem do tema da sexualidade, situando-a em outros campos do conhecimento onde até então não se havia uma discussão sobre tal tema. Segundo Foucault, os conceitos naturalistas antecedentes serviram como base para que a psicanálise gerasse um novo dispositivo teórico-científico para a sexualidade na pós-modernidade:

A psicanálise desempenha vários papéis simultâneos nesse dispositivo: é mecanismo de fixação da sexualidade [...], funciona como elemento diferenciador na tecnologia geral do sexo. Em torna dela, a grande exigência da confissão que se formara há tanto tempo, assume um novo sentido, o de uma injunção para eliminar o recalque. (FOUCAULT, 2001, p. 123)

Como disse Foucault na citação acima, é essa passagem da confissão religiosa, onde o sexo era entendido como elemento puramente biológico (fonte de pecado e devassidão), que assume um novo sentido, caracterizando, assim, a própria passagem do naturalismo biológico para um psicologismo (onde a sexualidade não se restringe ao elemento biológico, mas mantém relações psicológicas e sociais), o que fez com que os estudos relacionados à sexualidade humana atraíssem um maior interesse de outras áreas do conhecimento científico. Isso promoveu uma nova e revolucionária visão sociocultural do sexo, doravante, desligada das atribuições que as normas e doutrinas religiosas lhe impuseram ao longo da história. Porém, é válido salientar que a proposta freudiana, não só na sua época, mas ainda nos dias atuais, foi e continua sendo alvo de duras críticas principalmente pelos métodos utilizados na pesquisa pelo autor e de sua aplicabilidade clínica, muita vezes vista como delicada e questionável.

3. O conceito psicanalítico de sexualidade

É no campo da subjetividade humana que se ergue o conceito psicanalítico de sexualidade, ou seja, as experiências intersubjetivas se constituem como a base onde é construído tal conceito. O inconsciente⁵ foi o primeiro conceito a ser desenvolvido por

⁵ Em 1915, Freud publica o famoso artigo sobre *O Inconsciente*, no qual defende o conceito de inconsciente como necessário, partindo de um dos pressupostos de que os dados da consciência apresentam um grande número de lacunas. Seja em pessoas sadias ou doentes, em todas elas ocorrem atos psíquicos, para os quais, a consciência não oferece explicações satisfatórias, gerando lacunas. Algumas dessas lacunas são as lembranças encobertas, os atos falhos, os sonhos e os sintomas psíquicos que só podem ser elucidados por meio de uma análise e pela via do inconsciente (FREUD [1915] 1996). De

Freud, onde o autor afirma que não existe uma descontinuidade na atividade mental, cujos processos não acontecem por acaso. Cada memória, cada pensamento, cada sentimento ou ação, isto é, cada evento mental é determinado por uma intenção consciente ou inconsciente, provocada por fatos precedentes à estes. Esse processo é chamado por Freud de *determinismo psíquico*; por meio dele, o autor identifica e descreve alguns elos entre um evento mental e outro, que acontecem de forma oculta. Fadiman nos explica esse processo:

Quando um pensamento ou sentimento parecem não estar relacionados aos pensamentos e sentimentos que os precederam, as conexões estão no inconsciente. Uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade está resolvida. (FADIMAN, 2002, p. 86)

A prática clínica foi fundamental para as investigações de Freud sobre as causas e atividade das neuroses, onde pode constatar que grande parte dos desejos e pensamentos reprimidos pelo inconsciente estava ligada a desordens e conflitos no campo privado da experiência sexual. O que mais surpreendeu em suas investigações clínicas é que essas repressões, configuradas em experiências difíceis e profundamente traumáticas, estavam ligadas a eventos localizados na infância, ou seja, nos primeiros anos de vida dos seus pacientes. Tais experiências na infância estavam relacionados e acarretavam nos distúrbios sintomáticos atuais dos pacientes. Essas descobertas colocaram a sexualidade na base dos processos psíquicos, fazendo surgir assim, o segundo e mais importante conceito desenvolvido por Freud: a sexualidade infantil.

A sexualidade infantil implica na estruturação e organização psíquica da fase adulta. Nela, as zonas erógenas do corpo são os pontos de fixação do prazer em determinadas fases do desenvolvimento da criança. As experiências vivenciadas na infância, que estão relacionadas com o alcance do prazer nestes pontos erógenos, ficam registradas no psiquismo e vão contribuir de forma decisiva, seja positiva ou negativamente, na construção da realidade sexual e genital na vida adulta. As fases do desenvolvimento sexual são quatro, sendo denominadas por Freud como: Oral, anal, fálica e genital.

acordo com as considerações de Nasio (1993), na obra *O Inconsciente*, o inconsciente só pode existir no campo da psicanálise, no seio do tratamento analítico. O inconsciente se revela num ato que surpreende e ultrapassa a intenção daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer, revela a sua verdade, permitindo a superação de determinados traumas decorrentes da sexualidade infantil.

Na fase oral, entre 0 a 2 anos de idade, o ponto ou zona erógena é a boca, onde a realização do prazer está ligado à ingestão de alimentos, tendo na mucosa dos lábios e na cavidade bucal o ponto de excitação. Nesta fase, Freud chama a atenção e observa que:

[...] a obstinação persistente do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se, todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual. (FREUD, 2001, p. 179)

A fase anal acontece entre o segundo e o quarto ano de vida, e o ânus é o ponto ou a zona erógena. Nesta fase, o modo relacional do objeto é de *ativo* e *passivo* e está ligado ao controle dos esfínteres⁶, como fonte de prazer. É nesse momento que a criança percebe que pode controlar as fezes, e a maneira como ela lida com essa realidade pode ser construtiva ou agressiva, variando bastante de criança para criança.

Num terceiro momento, na fase fálica, segundo Freud (1996, p.193), a zona erógena é o próprio órgão genital, onde se apresenta um objeto sexual primário para onde se converte os impulsos instintivos. Nos meninos surge o interesse pelo próprio pênis (*falo*) em contraposição à descoberta da ausência do pênis na menina. Essa diferença entre o *falo* e a *castração*, vai substituir o objetivo *ativo-passivo* da fase anterior.

Acontece um intervalo entre a fase fálica e a genital, segue-se um período de latência⁷, onde acontece a diminuição das atividades sexuais, se prolongando até a puberdade. A fase genital, atingida na puberdade, é caracterizada pelo fato de o objetivo sexual não se encontrar mais no próprio corpo, mas sim num objeto externo, fora dele. Nesta fase ocorre para ambos os sexos, a afirmação da consciência e identidade sexual, na procura de satisfazer as necessidades instintivas no campo erótico, para o alcance do prazer.

⁶ Esfíncter é uma estrutura, geralmente um músculo de fibras circulares concêntricas dispostas em forma de anel, que controla o grau de amplitude de um determinado orifício. O sistema digestivo humano tem três esfíncteres importantes: o esfíncter cárdico, o esfíncter anal e o esfíncter pilórico, que faz comunicação entre o estômago e o duodeno (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA PSICOLOGIA. Tradução e notas de Hélder Viçoso. Lisboa: Texto e Grafia, 2008, p. 525).

⁷ Com relação às fases do processo de construção da sexualidade, a latência designa o intervalo entre o começo de um estímulo e o início de uma reação associada a este estímulo, isto é, um tempo de reação (BOCK. A. M. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 69).

Bock (2004) faz uma interessante apresentação dos três principais aspectos deste conceito freudiano: primeiro afirma que desde o principio da vida, logo após o nascimento e não só na puberdade, a função sexual já existe; segundo, que o processo de maturação sexual é complexo e duradouro, onde a associação prazer/procriação estão ligados tanto ao gênero masculino como ao feminino; terceiro, confere a libido a responsabilidade e manutenção da energia que move e determina os instintos.

No conceito psicanalítico, a sexualidade assume uma função corpórea muito mais abrangente, deslocando-se de uma estrita ligação com os órgãos genitais, que fica como plano secundário, para assumir o prazer como meta e finalidade. Nesta perspectiva, a vida sexual abrange todas as atividades que envolvem sentimentos, onde os impulsos sexuais instintivos são a fonte, mesmo quando estes são reprimidos pelo inconsciente com a finalidade de não alcançarem o seu fim: o ato sexual.

4. A pulsão sexual: passagem do físico para o psíquico

A necessidade sexual biológica é um fato que tanto no homem como nos animais, é apresentado por Freud como uma pulsão. Na obra, *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), a pulsão sexual é examinada e compreendida como fator biológico comum a espécie animal, porém, no homem ela tem um caráter inato. Freud expressa esse caráter inato da pulsão sexual através do termo *libido*, como algo que precede a sensação de satisfação e que se manifesta no homem.

Neste sentido, a pulsão sexual não tem um objeto fixo, ou seja, ela não depende de um objeto para existir, pois se trata de uma força biológica inato, com existência anterior e independente do objeto no qual ela irá procurar satisfazer-se, sem mesmo se importar com qual objeto irá alcançar o prazer. Esse objeto para o qual se dirige a pulsão sexual não é determinado, mas sim variável; este não está ligado estritamente ao ato sexual em si, ou seja, ao coito, mas pode alcançar o prazer também naquilo que precede o coito, isto é, na contemplação do objeto ou no contato com ele, o que vai ser chamado de *alvos sexuais preliminares*, algo que Freud definiu como sendo uma espécie de intensificação ou motivação da excitação para que se possa alcançar o *alvo sexual definitivo*.

A pulsão sexual em Freud é entendida não mais como um caminho biológico que conduz os indivíduos para a meta da procriação, eles adquirem um *status* de prazer pulsional, que pode provocar um processo de adiamento ou alteração da meta biológico-

reprodutiva. Dentro desse prazer pulsional, estão englobados não só a copulação dos genitais, mas também todas as atividades que proporcionam prazer, ligadas a outras partes do corpo, muitas vezes assumindo a totalidade do prazer em substituição do coito, ou ainda, segundo Freud (1974, p. 143):

O objeto de um instinto (pulsão) é a coisa pela qual ele atinge a sua finalidade. O objeto não é necessariamente algo estranho: poderá igualmente ser uma parte do próprio corpo do indivíduo. Pode ser modificado quantas vezes for necessário no decorrer das vicissitudes que o instinto (pulsão) sofre na sua vida, sendo que esse deslocamento do instinto (pulsão) desempenha papéis altamente importantes.

O conceito de pulsão freudiano estabelece uma importante diferenciação entre fisiologismo e biologismo, que até então eram visto como semelhantes. Para a fisiologia, as pulsões sexuais são estímulos externos, utilizados pelo aparelho psíquico como meras ações mecânicas, configurando assim um típico modelo das ciências naturais. No ponto de vista biológico, se recorre às teorias evolutivas de Darwin para explicar as pulsões sexuais como uma questão também ligada a hereditariedade e a filogenese. A partir desse ponto de vista biológico, Freud vai apresentar o termo *metapsicológico* para apresentar e traduzir a originalidade de uma psicologia que vai além dos estudos clássicos conhecidos até sua época, ou seja, uma inovação na área de estudos psicológicos.

O termo criado por Freud para designar a psicologia por ele fundada, considerada na sua dimensão mais teórica, a metapsicologia, elabora um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a ficção de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc. A metapsicologia leva em consideração três pontos de vistas: dinâmico, tópico e econômico. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1995, p. 284)

A metapsicologia tem a finalidade de designar os aspectos teóricos da psicanálise, definindo novos parâmetros de investigação e conceituação no campo da psicologia, tomando como premissas as relações tópicas, dinâmicas e econômicas, para definir a questão das pulsões sexuais em sua forma e natureza. A pulsão sexual é estabelecida por Freud como uma necessidade que pressupõe uma satisfação: “Essa satisfação só pode ser alcançada por meio de uma alteração direcionada e específica, isto é, adequada, da fonte interna emissora de estímulos” (FREUD, 2004, p. 146). Sendo assim, o estímulo pulsional é proveniente do interior, que nele exerce uma força

geradora da necessidade de satisfação. Dessa maneira, o psiquismo é movimentado e pressionado por esses estímulos, que tende a procurar saídas para libertar-se. O sistema nervoso tende a um esforço para livrar-se dos estímulos sexuais e pô-los para fora. Na verdade, são os excessos de estimulação sexual que o psiquismo tende descarregar, ou seja, é uma passagem da energia físico-somática para a energia psíquica, num processo puramente fisiológico.

Para Freud, ao que tudo indica, antes disso há um momento preliminar de transformação e a pulsão é exatamente esse ‘conceito-limite’ que aponta para o momento mesmo onde os processos energéticos orgânicos transformam-se em processos energéticos psíquicos. Sem dúvida, este é um dos grandes mistérios que a obra de Freud legou. [...] não nos esqueçamos que Freud concebe um processo periódico de transformação global da energia somática em energia psíquica e que, portanto, o energético se instala e passa a habitar o psíquico. (MONZANI, 1989, p. 94)

Para Freud, o homem pode ou não afastar-se dos estímulos sexuais por meio de uma ação motora, porém, tais pulsões continuariam a existir e a pressionar o psiquismo numa espécie de oposição do mundo interno para com o externo. Nesse aspecto, a proposta freudiana estabelece uma participação do psíquico na transformação da pulsão sexual, numa ação constante sobre o biológico: “talvez justamente nas perversões sexuais mais abjetas é que se deve verificar a abundância da participação psíquica no processo de transformação da pulsão sexual” (FREUD, 1996, p. 153); dessa forma, a pulsão sexual como energia biológica que força um estímulo para se alcançar o prazer, está ligada ao coito no sentido de meta a ser atingida entre os sexos opostos, porém, segundo a análise de Freud, esse processo biológico pode comportar transgressões e resultar naquilo que ele vai chamar de *transgressões*, entre ela a homossexualidade⁸ e bissexualidade.

A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por ela julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoais normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou

⁸ Com relação à homossexualidade, é importante salientar que Freud (1920, p. 211), afirma que “não compete à psicanálise solucionar o problema do homossexualismo”. Ela deve contentar-se com revelar os mecanismos psíquicos que culminaram na determinação da escolha de objeto, e remontar os caminhos que levam deles até as disposições pulsionais.

arranjar-lhes um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. (FREUD, 1996, p. 152)

Conclui-se então que para Freud, não importa por qual objeto ocorrerá a descarga da excitação da pulsão sexual, o que é realmente importante é livrar o psiquismo da constante pressão que os estímulos sexuais inferem sobre ele. Tal confirmação provocou uma polêmica reviravolta nos conceitos e normas estabelecidos pela ciência e pela moral social, no que se refere à vida sexual do ponto de vista naturalista.

Nasce aqui uma nova maneira de olhar o homem e suas relações, em que a presença da pulsão sexual estaria relacionada desde fantasias auto-eróticas da infância até a definição completa da genitalidade na vida adulta, sendo a sexualidade um conjunto de representações inconscientes característico da espécie humana. O êxito dessa afirmação abre espaço para a retomada das discussões em torno da sexualidade a partir das diversas relações decorrentes dessa. Não seria lícito, em pleno século XXI, reduzir a sexualidade ao elemento biológico, mas cabe aos pesquisadores, inclusive aos filósofos, desvendar as diversas relações possíveis entre o homem e a sexualidade.

5. Considerações finais

Levando em consideração todo o exposto no presente artigo, consideramos que a psicanálise se configura em um sistema aberto de conhecimento, estando aberto a um processo de avanço gradativo, pois é uma construção permanente daquilo que o psicanalista experimenta em sua prática profissional. Os fundamentos da psicanálise devem ser, de maneira constante, retomados e atualizados.

A perspectiva da sexualidade humana, nascida com a psicanálise, passa também por este mesmo processo de avanço e progresso. Seus conteúdos teóricos como a ênfase colocada na vida pulsional, o dinamismo psíquico, a obscuridade que apresentam os fenômenos psíquicos de natureza patogênica, estão abertos às novas perspectivas que venham a colaborar e aprofundar ainda mais seus conteúdos, dando à temática um novo olhar.

A psicanálise aborda as pulsões como uma fronteira entre o mental e o somático. A pulsão sexual se tornou o foco da teoria freudiana para compreender de forma mais

especifica seus mecanismos e seus complexos instrumentos psíquicos de bloqueio. Nessa acepção, Freud trabalha a questão das pulsões sexuais através de três fases ou destinos que seriam: o recalçamento, a sublimação e a fantasia.

A pulsão sexual apresenta por uma parte a propriedade de desviar seus alvos imediatos, assim como tendências sublimadas. Já a outra parte permanece no inconsciente, de forma de desejo insatisfeito, onde pressiona para alcançar a satisfação seja qual for o objeto de desejo. Em algumas situações podem surgir alguns sintomas causados por ações que contêm impulsos que de alguma forma foram reprimidos. Com essas ações reprimidas surgem os sintomas do recalçamento que tem como fator principal a recusa da pulsão ao acesso ao consciente.

Em suma, o que se destaca nesta pesquisa, ainda que de modo inicial, é que, com os estudos desenvolvidos por Sigmund Freud, é possível afirmar que os distúrbios psicosssexuais, os transtornos de comportamento e a própria histeria, estão ligados a alguma fase do desenvolvimento sexual. Essa constatação permite a revisão da relação entre sexualidade e moralidade, bem como as diversas relações de saber e poder decorrentes dessa relação. Trata-se, portanto, de um campo ainda a ser investigado em pesquisas futuras.

Referências

- BOCK. A. M. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA PSICOLOGIA. Tradução e notas de Hélder Viçoso. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.
- FADIMAN, J. *Teoria da personalidade*. 2.ed. São Paulo: Harbra, 2002.
- FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. v.9.
- _____. Os instintos e suas vicissitudes. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1986. v.9.
- _____. (1920). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. vol. XVIII.
- _____. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Ed. Standard brasileiras das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1915). *O Inconsciente*. In: História do Movimento Psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. *Esboço de psicanálise*. Obras completas. 23. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente: obras psicológicas de Sigmund Freud*. Volume I. Coordenação de tradução de Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 16. ed. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FULGENCIO, L. *O método especulativo em Freud*. São Paulo: EDUC, 2008.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LAPLANGE, J.; PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1989.
- NASIO, J. *O inconsciente*. In: 5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.